

Mocidade Cristã

Ano XVI

Julho a Setembro de 1954

Número 64

Ela fez o que podia

Estas palavras foram ditas pelo Senhor acerca de uma mulher. É uma boa recomendação. Maria aproveitou a oportunidade, a última, para honrar o Mestre. Desejamos contar algo de outras irmãs em Cristo que também aproveitaram oportunidades, a fim de animar nossas jovens irmãs a seguir os exemplos; talvez em outros ambientes, ou circunstâncias diferentes — mas todas devem fazer o que podem. A nossa primeira história é sobre certa moça cristã que fez o que podia.

Rute era uma criada doméstica e jovem crente. Um dia voltava duma reunião assentada num ônibus. Enquanto viajava, viu u'a moça da mesma idade, e sentiu forte desejo de conversar com ela acerca do Salvador; porém sentiu-se tímida porque havia um homem assentado perto dela. Finalmente foi, assentou-se no banco com a moça e disse-lhe: «Deixo conversar com você acerca de meu Salvador». Não demorou em descobrir que sua amiga estava sob forte convicção de pecado e mostrou-lhe o caminho da salvação. A moça aceitou Cristo, e Rute então sugeriu que ambas se ajoelhassem ali, no ônibus, em oração para agradecer ao Senhor por tudo que Ele lhe fizera. A nova crente, depois, mostrou que fôra verdadeiramente convertida.

Três semanas depois, Rute viajava de trem e pediu ao Senhor que lhe trouxesse alguém ao carro que ela o evangelizasse. Ficou desapontada quando um homem entrou, mas resolveu que leria a Bíblia. O homem

perguntou-lhe se achava consolação na Bíblia. Ela, prontamente, aproveitou a oportunidade e perguntou ao homem se ele se interessava pela Bíblia. O homem respondeu: «Você provavelmente não acredita o que digo, porque parece absurdo. Há três semanas vi duas moças num ônibus, ajoelhadas em oração, e fiquei tão impressionado que tenho pensado muito no assunto.» Assim Rute teve oportunidade para evangelizar o homem com o coração já preparado.

Histórias de Hinos

(continuação)

Temos espaço suficiente para incluir curto relato sobre os hinos duma senhora norte-americana. Escreveu centenas de hinos evangélicos; alguns estão traduzidos em português, e são populares no Brasil e Portugal. Às vezes a tradução tira algo da beleza dos versos. O nome desta escritora era Fanny (Francisca) Crosby. Era cega de nascença. Morreu com 95 anos em 1915. Era amiga dos evangelistas Moody, Sankey, e outros. Sankey, Granahan, Doane e outros compuseram música para os hinos dela. Ela disse: «A primeira face que espero ver é a do Salvador Jesus». Está expresso no hino que ela escreveu (número 409 em H.&C.) traduzido pelo sr. S.E. MacNair: «Um dia a lida acabará». O cônico é: «E face a face vê-Lo-ei; por graça salvo cantarei». Há outros hinos escritos por Fanny Crosby e traduzidos em português, incluídos em Hinos e Cânticos, como os seguintes: —

Número

367 «Salvo nos fortes braços do

terno Salvador», traduzido por Ricardo Holden.

412 «Meu Senhor, sou Teu», traduzido por H. Maxwell Wright.

453 «Rica verdade, Jesus é meu», traduzido por S. E. McNair.

392 «Vamos nós trabalhar», traduzido por M. A. Menezes.

14 «Cristo te chama», traduzido por J. Jones.

17 «Com voz amiga te chama Jesus», traduzido por S. E. McNair.

61 «À porta chamo, alma triste», traduzido por R. H. Moreton.

260 «A Mensagem do Evangelho», traduzido por W. Anglin.

A música de um hino escrito por Fanny Crosby é aproveitada para o número 592.

O hino que apareceu na última página de «Mocidade Cristã» número 62, é tradução dum hino da mesma escritora.

Uma história dum hino (no. 17 em H. & C.) escrito por Fanny Crosby

Um marinheiro da armada inglesa, encontrado com a Bíblia debaixo do braço, descreveu como foi convertido. Disse que seu navio visitara a Ilha de Malta (onde o Apóstolo Paulo naufragara; hoje base naval inglesa); e ele desembarcou e foi passear nas ruas da cidade de Valeta. Sentindo-se triste, pensava em visitar uma taberna para embriagar-se. No caminho ouviu um grupo de crenças cantar um hino na rua e parou. O Diabo disse-lhe: «Vai à taberna», mas as palavras do hino soavam aos ouvidos dele (o original do hino 17 em H.&C., escrito por Fanny Crosby) convidando-o ao Salvador. Ficou ali e escutou a pregação do Evangelho. Depois da reunião, ajoelhando-se na rua, confessou-se pecador e confiou no Salvador, nada lhe importando as

risadas de outros marinheiros que o conheciam. Ele confessou Cristo diante dos colegas e não se envergonhou do Evangelho.

Jó

O estudante da Bíblia, às vezes, pergunta: Quem é o autor do livro de Jó, e quando foi escrito? Propomos-nos a tarefa de responder a estas perguntas, ajudados por um artigo escrito pelo dr. Stanley Leathers, professor de hebraico na Universidade de Londres.

O livro ensina-nos que a mão de Deus dirige as circunstâncias que governam nossas dificuldades e sofrimentos, bem como nossos sucessos. O primeiro capítulo revela um segredo, desconhecido a Jó e aos seus amigos que vieram para consolá-lo: Deus deixou Satanás provar Seu fiel servo, mas dentro de certos limites. O raciocínio dos amigos de Jó é muito natural e humano. A lição para o povo de Deus é que os sofrimentos ou calamidades que caem sobre nós, não são necessariamente enviados por Deus como castigo por certas ofensas. A gravidade da aflição não é prova de iniquidade especial. Jó é um livro divino e apresenta características de outros livros da revelação; mostra que Deus Se comunica com o homem diretamente. Aquêles que negam este fato, não têm nada em comum com o escritor de Jó.

Embora incluído entre os livros dos hebreus, não tem nenhuma característica judaica. O fato de sua inclusão nas santas Escrituras dos israelitas é evidência de ter sido escrito antes de Israel estar cônscio da sua existência de nação, isto é, antes do Êxodo. O livro nada sabe do Êxodo, dos israelitas, da Lei, ou do Templo, mas não é contrário à fé de Israel. Jó é, sem dúvida, histórico. Embora

ra uma alegoria, não é sómente alegórico. Se fosse meramente alegórico, isto é, romance, um golpe mortal seria dado a toda a história sagrada.

A data da composição de Jó não pode ser muito mais tarde do que os acontecimentos descritos nêle, isto é, a vida de Jó, e o tempo não é difícil de discernir. Lemos que Jó viveu 140 anos depois da sua aflição. Quando os desastres cairam sobre ele, tinha dez filhos crescidos e, por isso, tinha talvez 60 anos de idade. Portanto, morreu com 200 anos. Os antediluvianos tinham existências muito mais prolongadas. Abraão, Isaque e Jacó morreram com 175, 180 e 147 respectivamente. Jó atingiu a 200, ou pouco mais do que os patriarcas. Depois, houve diminuição da vida dos homens. Outra evidência de Jó ser contemporâneo dos patriarcas é que alguns nomes que ocorrem na história de Abraão e Isaque são os mesmos que se encontram em Jó; como Elifaz, Temam e Uz. O dr. Lee calculou que Jó morreu durante o tempo do cativeiro dos israelitas no Egito.

O autor do livro de Jó

Há só uma tradição, que diz que Moisés compilou o livro e esta é muito provável. O fato de ser incluído no cânon do Velho Testamento um livro que não tem nenhuma referência a Israel, indica que o autor era pessoa de muita influência, como Moisés. É provável que Jó já escrevera os fatos da sua biografia e Moisés, durante os quarenta anos em Midiam, ouviu a história. Certas frases hebraicas de Jó são características de Moisés. Os nomes de Deus, «Shaddai» e «Todo Poderoso», são frequentemente usados nos livros de Moisés, e em Jó, mas poucas vezes em outros livros do Velho Testamen-

to. Encontramos também em Jó o nome «Jeová».

Há outras semelhanças entre Gênesis e Jó. Deus é reconhecido por Jó como Supremo, Independente, Santo, Incorruptível, Imortal, Eterno, Invisível, Rei dos reis e Conservador dos homens.

Embora não haja nada no livro de Jó que mostre conhecimento de qualquer livro do Velho Testamento, além do Gênesis, há muitas referências a Jó em outros livros da Bíblia. A linguagem dos Salmos, Provérbios, e Profetas abunda em provas da influência do livro de Jó.

Inspiração. «Não pode haver juízo adequado e justo para o livro de Jó sem reconhecer as indicações claras duma origem, não das meras especulações do homem, mas produto duma comunicação autorizada e inspirada por Deus» (Dr. S. Leathers).

História dos Judeus

(continuação)

Já notámos como Alexandre Magno deu certa independência aos judeus e desejava a continuação daquela liberdade. O grande império de Alexandre, depois da sua morte, foi dividido entre seus quatro generais. Ptolomeu I governava o Egito e mais tarde tomou o título de rei. O nome da família real da Síria era «Selêucidas», o primeiro príncipe sendo Seleuco Nicator. Ptolomeu e Seleuco eram rivais, e ambos queriam possuir a Palestina. No ano 318 A.C., o rei do Egito resolveu antecipar uma invasão da parte de seu rival, e invadiu a Palestina. Seu exército tomou Jerusalém sem resistência, porque era sábado e os judeus recusavam lutar em seu dia santo. Ptolomeu tratou-os com certa brandura e consideração. Seu filho, Ptolomeu II, sucedeu seu pai, e durante seu reinado os «setenta» sábios foram enviados pelo

Sumo Sacerdote, Eleazar, para traduzir as Escrituras da língua hebraica para a grega, tradução que é conhecida pela palavra «SETUAGINTA» (escrita, às vezes, «LXX»). A Palestina era de vez em quando perturbada com as guerras entre a Síria e o Egito; e os Sumos Sacerdotes ganharam mais poder na administração do país, os reis do Egito estando ocupados em guerras.

No reinado de Ptolomeu IV, o poder do Egito declinou, e no ano 198 A.C., quando reinava Ptolomeu V, Antíoco III, rei da Síria (chamado «o Grande»), invadiu a Palestina e tomou Jerusalém. Este rei queria também estender seu reino na Ásia Menor, e invadiu a Grécia. Ali foi derrotado pelos romanos e outra vez na Ásia Menor, na batalha de Magnésia, pelo exército chefiado pelos dois irmãos, Cípio. Roma era república naquele tempo, e suas vitórias nas guerras púnicas contra Cartago encheram os cidadãos do desejo de estender sua influência por meio de campanhas militares. Antíoco perdeu toda a influência na Ásia Menor. Começaram assim os romanos as suas conquistas que, finalmente, lhes deram o domínio da maior parte do mundo conhecido.

Antíoco III foi sucedido por Seleuco IV, e este pelo seu irmão Antíoco IV em 176 A.C. Era chamado «Epí-fanes», que significa «Ilustre», mas os judeus deram-lhe o apelido de «Epímanes», que quer dizer «doido», porque perseguia o povo loucamente. Durante o domínio dos reis do Egito (os cinco Ptolomeus), os judeus gozavam paz e liberdade de culto. Os primeiros dois reis da Síria também seguiram o mesmo exemplo, mas Antíoco IV queria «helenizar» o povo, isto é, obrigá-lo a aceitar os costumes gregos, e até adorar seus deuses

pagãos. Formou-se um partido parcial aos gregos e seus costumes. Onias III era Sumo Sacerdote e homem piedoso que se conformava com as cerimônias e a Lei de Deus. Quando faleceu, seu irmão Josué (ou Jesus) foi nomeado Sumo Sacerdote. Ele era favorável aos gregos e «helenizou» seu nome para Jason. Para agradar aos gregos, Jason exigiu um impôsto dos judeus como contribuição para o culto do deus «Hércules», e desagradou ao povo. Seu irmão mudou seu nome para Menelaus, a fim de agradar aos gregos, e usurpou o ofício de Sumo Sacerdote, Jason sendo deposto. Então começou uma luta entre os dois irmãos rivais. Julgando ser uma guerra civil, enviou Antíoco um exército a Jerusalém, a qual saqueou a cidade (168 A.C.). O general tratou os judeus com muita brutalidade, matando muitos e fazendo escravos de homens, mulheres, e crianças, até 10.000 pessoas. Também queimou edifícios e derrubou parte dos muros da cidade. Os sacrifícios a Deus foram proibidos, e um altar erguido no Templo a Júpiter Capitolino. Um porco foi sacrificado no altar e seu sangue aspergido nos lugares santos do Templo. O povo foi obrigado a comer a carne do porco. A observação da Lei e das cerimônias foi proibida e o povo obrigado a praticar o culto pagão.

Alguns judeus obedeceram, tornando-se apóstatas, mas também muitos resistiram e sacrificaram suas vidas para não desobedecer a Lei de Deus. Os judeus fiéis pensavam que era a perseguição predita por Daniel (Dan. 11), e Antíoco seria o rei, o profanador do Templo mencionado pelo profeta. Os últimos versículos do capítulo 11 de Hebreus descrevem os sofrimentos daquele tempo. É tipo da Grande Tribulação de Israel que há de vir no tempo do Anticristo.

Os Macabeus

Havia uma família chamada Hasmoneus, do ramo sacerdotal. O chefe era Matatias, homem piedoso e fiel e pai de cinco filhos. Eles lamentavam as condições do povo e preferiam morrer a obedecer os mandados do rei e sacrificar aos deuses falsos. Quando o oficial chegou à cidade de Modin, onde moravam, ele mandou o sacerdote e a sua família oferecerem sacrifício a um ídolo. Recusaram todos, mas um judeu fez como foi mandado. Muito indignado, Matatias e seus filhos, armados de espadas, mataram o judeu idólatra, o oficial e os soldados, e também derrubaram o altar e o ídolo. Depois, abandonaram a cidade, chamando outros para seguir-lhos, e foram-se para o deserto, onde moraram em cavernas. O general grego em Jerusalém seguiu-os com um exército e, descobrindo muitos numa caverna num sábado, convidou-os a se entregarem. Recusaram a defenderem-se por ser dia de sábado, e então o general pôs fogo na caverna e queimou mil homens, mulheres e crianças. Matatias e a família escaparam. Depois, aconselhou os que escaparam a se defendrem mesmo nos sábados; se não, seriam rapidamente extermínados, pois os inimigos aproveitariam os dias santos para atacá-los. Todos consentiram, e tornou-se lícito lutarem em defesa própria nos sábados.

Matatias e seus seguidores, então, durante um ano, andaram derrubando os altares dos deuses falsos e matando os apóstatas (judeus que adoraram os ídolos). Depois, Matatias adoeceu, mas antes de morrer, chamou os filhos e exortou-os a continuar com sua campanha até libertarem o povo da opressão, sempre confiando em Deus e seguindo a Lei de Moisés. Escolheu seu filho Judas como chefe nas lutas e a Simão para

ser seu conselheiro. Então morreu e foi enterrado em Modin.

O general em Samaria, Apolínio, levou um exército contra Judas, a quem foi dado o apelido Macabeu (o «Martelo»), nome que depois foi aplicado a toda a família. Os inimigos foram completamente derrotados e fugiram, sendo morto o general na batalha. Judas tomou sua espada e depois sempre levava-a com ele. Então outro general, chamado Saron, com um exército maior, foi contra Judas e encontrou seu exército em Betoron. O exército de Judas era pequeno e faminto, mas ele animou os seguidores a confiar em Jeová, que, em tempos passados, ajudara os israelitas contra seus inimigos, sem respeito ao número de soldados. Então atacou os inimigos que depressa fugiram. Ouvindo destes desastres aos seus exércitos, Antíoco ficou muito zangado, e equipou um exército ainda maior, incluindo mercenários de outros países, para esmagar os judeus revoltosos. Ele mesmo precisava ir a Pérsia, mas entregou a chefia a um general, Lísias. Judas e os seus estavam em Emaus, e uma porção do exército inimigo procurou cercá-los durante a noite. Judas, porém, sendo informado deste movimento, caiu sobre os inimigos que depressa fugiram. O resto ficou atemorizado e foi facilmente derrotado, e fugindo, deixou vasto despojo, ouro, prata, e tesouros, que os judeus aproveitaram.

Judas ajuntou então o povo e disse-lhe que todos deviam ir a Jerusalém e purificar o Templo e sacrificar a Jeová. Assim foram e acharam a cidade num estado deplorável. Começaram, purificando o Templo, tirando tudo que não devia estar ali; ergueram o altar do Templo, penduraram os véus, colocaram a mesa e castiçal no seu lugar e também o al-

tar de incenso. Depois sacrificaram a Jeová. A festa durou uma semana. Era o ano 165 A. C. e o aniversário da profanação do Templo. Foi resolvido perpetuar sua memória com uma festa anual, chamada a «Dedicação do Templo». No tempo do Senhor Jesus é mencionada (João 10:22) como «a festa da Dedicação». Continuou a ser celebrada até a destruição de Jerusalém (70 A. D.).

Correspondência

Pergunta 1. De vez em quando surge a pergunta: «Deve o crente hoje usar a Oração Dominical?»

Resposta. O Senhor não tencionava ensinar uma oração para os crentes repetir depois da Sua ascenção, mas ensinar a Seus discípulos os princípios e ordem em oração.

A primeira frase: «Nosso Pai que estás no céu» seria um novo pensamento aos discípulos. Os judeus não mais usavam o título Jeová, a não ser no serviço do Templo, mas empregavam a palavra «Deus» ou «SENHOR», em oração ou em conversa. Pensavam em Jeová ou Deus com um Ser temível. O nome «Pai» deu-lhes a idéia de um Deus bondoso e amoroso que Se interessava nêles pessoalmente. Mas o título nesta oração não contém o pensamento de parentesco ou adopção na Família de Deus que a fé cristã nos ensina. Esta é a nova relação baseada em Cristo e efetuada pela Sua morte e ressurreição, que nos dá o direito de sermos chamados «filhos de Deus». O título «Pai que estás no céu» traz o pensamento dum Ser bondoso que fornece nosso pão diário e nos guarda do mal, mas não contém a idéia da mesma intimidade entre Deus o Pai e Seus filhos que aprendemos de Romanos 8:15, 16 e 17.

A petição «perdoa-nos os nossos pecados, pois também nós perdoamos

a qualquer que nos deve» traz certa dificuldade, porque o crente foi já perdoado gratuitamente, sem esta condição... Por outro lado, como filhos de Deus, se não perdoarmos as ofensas contra nós, nosso Pai nos trata como filhos desobedientes, e temos de sofrer da mão de nosso Pai celestial. Segundo Col. 3:13, o cristão perdoa porque foi perdoado, e não para obter perdão.

Se o crente usar a Oração Dominical, ele tem de interpretar as palavras num sentido de acordo com a nova posição dos filhos de Deus.

Os apóstolos, ensinados pelo Espírito Santo, evidentemente aprenderam a orar mais intelligentemente. Em Atos 4:24-30 empregaram linguagem do Velho Testamento, pois oraram ao SENHOR (Jeová) em vez de se dirigirem ao Pai no nome do Senhor Jesus. Quando o Apóstolo Pedro escreveu sua primeira carta, manifestou mais conhecimento de Deus o Pai. O Apóstolo Paulo nos fornece exemplos da oração cristã em Efésios 3:14-21, e outras passagens.

Pergunta 2. Um leitor quer saber com que autoridade dissemos (no último número de M. C.) que os prosélitos vindos do paganismo ao judaísmo, eram batizados depois de circuncidados. Nosso irmão considera que João Batista era o pioneiro do rito de imersão.

Resposta. Obtemos nossas informações dos melhores livros que possuímos sobre qualquer assunto, os quais, em geral, são obras primas. Seus autores são as «autoridades» em história antiga, línguas clássicas, e em descobrimentos arqueológicos. Quando o problema é sobre a letra da Palavra de Deus, temos consultado as obras dos melhores teólogos, mas podemos dividir-los em duas classes. Uma classe de teólogos dá-nos informação sobre a letra das Escritu-

ras, porque conhecem as línguas hebraica e grega e a história dos tempos bíblicos. Para a interpretação das verdades e doutrinas da Palavra de Deus, aprendemos dos ensinadores que manejam bem a Palavra de Deus, uma coisa que muitos teólogos eruditos e doutores em divindade não fazem.

Em resposta à pergunta concernente aos prosélitos, vamos citar um dêstes peritos na letra das Escrituras, de quem, entretanto, não queremos seguir a doutrina. Era doutor em «divindade», e professor de teologia na Universidade de Cambridge. Era clérigo da Igreja anglicana e praticava a aspersão de crianças. Ele disse: «Era uma regra rigorosa; o pagão convertido ao judaísmo, depois da circuncisão, era lavado da impureza pagã, conforme Levítico 15 e Números 19. Não podemos negar que o batismo do prosélito era semelhante ao batismo cristão.» A referência à Lei, em Levítico e Números, é a frase repetida diversas vezes: «Lavará os seus vestidos e se banhará em agua».

Para provar que esta «autoridade» quer dizer imersão e não aspersão (como êle mesmo praticava na Igreja anglicana), citamos mais um pouco do seu artigo. «O candidato ao batismo é submerso na água e enterrado com Cristo (simbolicamente) e o efeito salvador é transferido ao candidato.» Com êste ensino não concordamos, mas o fato de não aceitarmos o ensino espiritual dêste doutor de «divindade», não nos impede de aproveitar seu conhecimento da história bíblica. E' extraordinário para nós que um teólogo tão erudito praticasse aspersão de crianças, pois diz no artigo citado: «No inteiro período primitivo praticava-se sómente o batismo de adultos. O batismo de crianças foi aplicado de vez

em quando, no fim do segundo século, mas durante os séculos seguintes foi praticado como excepcional.»

Outra prova de que João Batista não era pioneiro em batizar é o fato de que, no Templo, havia um batistério, onde o Sumo Sacerdote podia banhar seu corpo segundo a Lei (Lev. 16:24). Também a Epístola aos Hebreus fala de «batismos» (ablucões) em contraste com a palavra «aspersão» no v. 13. Os fariseus, voltando do contacto com os gentios no mercado, batizavam-se (Marcos 7:4) a fim de cumprir a Lei (Lev. 15). Assim, o batismo de João Batista não era novidade quanto ao modo, mas seu motivo era novo, isto é, arrependimento em vista da vinda do Messias.

Comentário sobre uma carta recebida.

Recebemos uma carta de um leitor que critica um certo estrangeiro por ter corrigido os defeitos de hinos em português. Nossa prezado correspondente considera que êste atrevido corretor de versos alheios devia ter deixado a tarefa aos portuguêses, ou permitido que os defeitos permanecessem para sempre.

Resposta. Será que o hospedeiro da estalagem na estrada de Jerusalém a Jericó se queixou de que um estrangeiro (samaritano) não devia ter tratado o pobre homem ferido, mas o devia ter deixado à beira da estrada até passassem uns patrícios com vontade de cuidar dêle? Os primeiros patrícios passaram de largo. Aconteceu o mesmo com os nossos hinos e seus ferimentos métricos. Os chefe religiosos não mostraram misericórdia para com versos defeituosos, e até ao presente não querem seguir o exemplo do «bom samaritano», mas deixam o pobre do hinário «Salmos e Hinos» com suas 1.278 feridas.

As primeiras centenas de hinos foram escritas por estrangeiros, e mais tarde escritores portuguêses e brasileiros entraram na competição. Em Salmos e Hinos, 80% parecem ser escritos por estrangeiros, mas tanto êstes como os outros são culpados de erros métricos. Os estrangeiros, porém, são mais responsáveis por terem dado o exemplo de traduzir hinos cujos originais não tinham tais defeitos. Em nosso artigo sobre «Hinologia», sugerimos que irmãos brasileiros devem corrigir seu livro «Salmos e Hinos». Sabemos que há certo escrúpulo em corrigir as obras dos servos do Senhor que, depois de servirem sua geração, dormiram. Mas agora êstes santos cantam no côro celestial o «Novo Cântico» sem defeitos de palavras ou harmonia. Os cantores ali são perfeitos também, e por isso, temos certeza de que, se voltassem ao mundo, seriam os primeiros a desejar que as imperfeições em seus hinos fôssem corrigidas.

A dificuldade parece ser devida ao fato de que irmãos, embora educados e com dom de música, não entendem as regras que governam a metrificação. Ouvimos constantemente pessoas educadas darem a desculpa de que «não faz mal», e que o povo está acostumado aos erros, ou que êstes podem ser abafados por uma modificação da música! Mas um poema deve ser métrico mesmo que não tenha música. O fato que o povo gosta dos versos errados, não é boa razão para deixar seus defeitos. Quando alguém diz: «Chama ele para vem jantar», pode ser que a pessoa assim chamada atenda ao convite e aprecie o jantar, mas se um escritor dum livro ou jornal empregasse gramática como «alguém» fêz, seria acusado de «assassinar a bela língua portuguêsa». E' ainda mais importante que um hino seja livre de erros de gramática e metrificação, porque é

repetido muitas vêzes, enquanto um jornal é lido uma só vez.

Dificuldades nas igrejas

Alguns irmãos nos escrevem de certas dificuldades que têm surgido em suas igrejas. Muitas vêzes seus problemas são devidos ao fato de que não têm sistema bíblico de governar a igreja local, isto é, por meio dos irmãos mais competentes e espirituais, ou aproximados em caráter ao retrato nos dado nas epístolas a Timóteo e Tito. Algumas igrejas têm substituído os anciãos por uma democracia, o que quer dizer que todos os membros da igreja local, velhos e jovens, homens e mulheres, espirituais e carnais, são chamados para se governarem a si mesmos! A voz dos mais carnais ou ignorantes é ouvida por ser mais alta do que a dos humildes e mansos! Nestas condições os casos de disciplina são muito difíceis. Os réus são também os juízes, e em vez de haver um espírito judicial, há uma contenda. Quando uma igreja é governada por anciãos, êstes devem agir como um corpo unido. Um ancião, antes de tratar de qualquer dificuldade, deve ter a prudência de consultar primeiramente os seus colegas. Pode falar com mais autoridade quando sabe que os outros anciãos concordam com êle. No caso duma desinteligência entre dois irmãos, se um só ancião julga, êle é capaz de ser acusado de parcialidade por um ou outro. Dois ou três devem ser escolhidos para êste fim, e será melhor que os mediadores tenham a sua decisão confirmada pelos outros anciãos.

Toda a correspondência deve ser dirigida ao Sr. W. Anglin, Caixa 35, CARANGOLA, Minas, Brasil.

Casa Editória Evangélica, Teresópolis, E. do Rio
Editor responsável José Ferreira de Andrade